

ASPECTOS GROTESCOS NO CORPO FEMININO DE MACABÉA, EM *A HORA DA ESTRELA*, DE CLARICE LISPECTOR

Autores: OLIVEIRA, Francisca Geane Souza¹ e SOUSA, Francisca Liciany Rodrigues de²

RESUMO: O presente trabalho surgiu da necessidade de investigar os aspectos grotescos em Macabéa, protagonista do livro *A hora da estrela* (1977), de Clarice Lispector. Definimos o grotesco e apresentamos uma pequena conceituação através do tempo, depois, discorremos sobre a representação do corpo grotesco e, estudamos os aspectos do corpo de Macabéa. O presente estudo é uma pesquisa bibliográfica, detemo-nos na interpretação e no debate com teóricos como Kayser (1964), Bakhtin (1987), Moisés (2004) e Xavier (2007) a respeito do tema proposto. Moisés (2004) faz uma explanação, desde a Renascença até a Modernidade, quando o grotesco passa a gozar de uma conotação estética. Bakhtin (1987) nos informa que o corpo feminino é um exemplo de corpo quase individual, pois nele se dá o encontro, entre os dois sexos. Xavier (2007) analisa o corpo de Macabéa enquanto representante de um lugar social. No final deste estudo, chegamos à conclusão que o corpo de Macabéa define sua posição na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Corpo. Grotesco. Clarice Lispector.

INTRODUÇÃO: Debruçar-se sobre a obra de Clarice Lispector é uma missão arriscada. Ainda mais quando essa obra trata-se *d'A hora da Estrela* (1977), o último livro publicado pela autora em vida. Mas aceitamos o desafio e a escolha desse livro dentro da vasta obra de Lispector se deu por causa de um primeiro contato que tivemos com estudos acerca do grotesco em uma disciplina de Prática de Pesquisa. A partir das observações vistas, pudemos notar alguns elementos que apontavam para uma possível relação com a obra clariceana, então, propusemo-nos a investigá-los.

METODOLOGIA: Essa é uma pesquisa bibliográfica. Temos como objeto de estudo o livro *A Hora Estrela*, de Clarice Lispector (1977) e os aspectos grotescos do corpo feminino de Macabéa, protagonista da novela literária. Detemo-nos em leituras de livros e de teóricos que irão nos auxiliar nas discussões a respeito da temática do grotesco, com os quais iremos dialogar para tentar responder a seguinte questão norteadora: como os aspectos do corpo grotesco de Macabéa podem definir a sua posição dentro da sociedade?

PROBLEMATIZAÇÃO

¹ Aluna do Curso de Pós-Graduação da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: fcageane@hotmail.com

² Mestre em Literatura Comparada pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professora da Pós-Graduação em Língua Portuguesa e Literatura, da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). E-mail: licianyrodrigues@gmail.com.

Kayser (1964), em *Lo Grotesco: su Configuración em Pintura y Literatura*, afirma que o grotesco se origina da palavra italiana “grottesca”, que se relaciona a “gruta”. Isso se dá porque, no século XV, foram descobertas, durante escavações feitas primeiramente em Roma e depois em alguns lugares na Itália, “[...] una especie, hasta el momento desconocida, de pintura ornamental antiga”³ (KAISER, 1964, p.17). Moisés (2004) confirma as investigações de Kayser (1964) e acrescenta a ideia de que o grotesco pode ser visto em todas as áreas das artes, bem como no corpo humano e não somente na pintura e literatura. Em seu *Dicionário de Termos Literários* (2004), o teórico investiga o grotesco através do tempo e da história na literatura.

No Renascimento, o grotesco foi adotada por Rafael, assim a moda *Grotteschi* se espalhou por alguns países europeus no século XVII. No século seguinte, se une ao Rococó. Foi nessa época, que começaram a estudá-lo esteticamente. Na modernidade o grotesco foi “confundido [...] com fantástico, o absurdo, o bizarro, o burlesco [...]” (MOISÉS, 2004, p. 114).

O grotesco alarga as possibilidades de visão dos fatos, pois traz à tona elementos que, costumeiramente, não são bem visto em nossa cultura: aquilo que é considerado estranho, inconveniente. Assim, quando o artista consegue romper com a visão superficial dada aos códigos da natureza ou da realidade em que vive, ele consegue um conhecimento que “traduz a angústia não perante a morte, mas perante a vida, que gera a destruição de toda ordem ou orientação no tempo e no espaço” (MOISÉS, 2004, 215).

Bakthin (1987), em *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*, aponta para grotesco no aspecto corporal, enxergando aí uma renovação, valorizando o obscuro e o místico que envolvem o corpo na sociedade. Em seus estudos, no contexto de Rabelais, o teórico chega a conclusão de que o corpo clássico e o corpo grotesco dividem o mesmo universo, mas diferem nos valores “aos cânones modernos, o corpo grotesco não está separado do mundo, mas ultrapassa-se a si mesmo. Colocando-se ênfase nas partes do corpo em que ele se abre ao mundo, exterior, [...] através de orifícios. É um corpo eternamente incompleto” (BAKTHIN, 1987, p. 23). Para esse teórico, o corpo clássico está relacionado à mente, ao superior e à arte dita oficial. É um monumento sem defeitos, é algo para ser admirado. O corpo grotesco é inferior, é à arte marginal, é o corpo que se mistura com os outros, é aberto, irregular, tem pelos.

Mary Russo (2000), em *Grotesco Feminino: riso, excesso e modernidade*, defende que o grotesco é estudado “como metáfora do corpo, a caverna grottesca tende a se parecer (e, no sentido metafórico mais grosseiro, identificar) com o corpo feminino anatomicamente cavernoso” (RUSSO, 2000, p.13). A anatomia do corpo humano é uma condição que rebaixa o ser humano ao nível dos

³Uma espécie, até então desconhecida, de pintura ornamental antiga [Tradução nossa]

excrementos. A autora nos lembra que o grotesco no corpo cavernoso feminino encontra-se ligado à gravidez, ao ciclo menstrual, à condição que um feto sai do corpo da mãe, às cicatrizes e às inflamações. Aproximando-se, assim, do que postula Bakhtin (1987), observando como essa categoria estética preferencialmente se realiza no corpo feminino, pois é ele que tem a posse de um sistema reprodutor interno, ciclo menstrual, que limpa o corpo não fecundado, em uma demonstração natural, que o mesmo está apto à reprodução.

Russo (2000) nos informa que o percorrer das figuras grotescas para a categoria adjetival é meio vazia e cheia de mistérios, de experiência que “marca a passagem moderna para uma consideração mais dinâmica do grotesco como uma ocorrência interior e potencialmente arriscada. [...] Estranho, terrível, criminoso, se acrescentarmos a palavra “*incomum*”, esta sequência pós-romântica de forma alguma esgota as associações históricas do grotesco” (RUSSO, 2000, p.19-20). O corpo grotesco é o corpo por dentro das vísceras das grotas, dentro do útero, um corpo que se movimenta. O grotesco visceral que acaba por definir a condição de uma pessoa dentro da sociedade.

No livro *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector (1977), encontramos Macabéa e seu corpo grotesco. A protagonista é a filha da fome e isso acaba que sendo crucial para magreza excedente. Negaram-lhe inclusive um nascimento e um nome que encarnasse *viçosidade*. Macabéa foi ensinada desde cedo e de forma cruel, através de castigos físicos, que não iria conseguir o que almejava.

Quando perde a tia que a criou, Macabéa tenta sobreviver no Rio de Janeiro. Despreparada para mercado de trabalho com carteira assinada, a moça não cogita a possibilidade de vender o corpo, primeiro por ser fruto de uma criação extremamente rigorosa e carregada de culpa cristã; segundo porque “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão – os maus antecedentes de que falei” (LISPECTOR, 1977, p. 49). Vai, então, trabalhar como má datilógrafa num escritório.

Xavier (2007) vê no corpo de Macabéa a representação de um lugar social. Esse corpo acaba definindo a posição de um indivíduo dentro de uma sociedade. Não estando preparada para a vida dentro dessa comunidade, Macabéa vê-se obrigada a sobreviver em uma cidade urbanizada e não projetada para pessoas como ela: inocente, pobre, raquítica, semianalfabeta, era “incompetente para a vida” (LISPECTOR, 1977, p.45). A sobrevivência era único luxo que o mundo dava. “Ela pensava que a pessoa é obrigada a ser feliz, então era” (LISPECTOR, 1977, p. 48).

O corpo de Glória, outra personagem da obra, é o inverso do corpo de Macabéa, aproximando-se mais de Marilyn Monroe, símbolo sexual do final do século XX, símbolo esse que Macabéa também admirava e, com o qual sonhava ao olhar-se no espelho. Glória tinha no corpo “sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido” (LISPECTOR, 1977, p.82). Ainda “Tinha mãe e pai e comida quente em hora certa” (LISPECTOR, 1977, p. 83), então, Glória está sempre pronta para cumprir a função

social, geralmente atribuída ao corpo feminino, que é seduzir e procriar. Olímpico percebeu no balanço dos quadris que Glória “seria boa parideira” (LISPECTOR, 1977, p.83). A metáfora, do vinho português representam que Glória era “fina” e de uma classe social superior a de Olímpio e se ele conseguisse se casar com ela, ele também iria pertencer a essa “elite”. Glória representava um degrau acima na classe social, a que Olímpico sonhava pertencer.

Voltando aos aspectos que enunciam o corpo de Macabéa como um corpo grotesco, recorreremos ao que postula Russo (2000, p.21) “O corpo clássico é transcendente e monumental, fechado, estático, contido em si mesmo. O corpo grotesco é aberto, protuberante, irregular, secretante, múltiplo e mutável”. Em suma, o grotesco é tudo que foge ao cânone, ou seja, um corpo fora dos moldes aceitos pela sociedade. O corpo clássico esta sempre com aparência saudável, que desperta no sexo oposto, o desejo carnal, sem defeitos aparentes, feito para ser admirado, na sua superfície. Em *A Hora da Estrela* (1977), a personagem Glória aproxima-se do corpo clássico, opondo-se ao de Macabéa. No entanto, é difícil ser categórico em relação a esses conceitos dentro da obra clariceana, visto que as personagens tendem a equilibra-se em uma linha tênue das classificações e conceitos. Exemplo disso é que o narrador, uma vez ou outra, coloca em Glória características que apontam para o grotesco: “Oxigenava amarelo-ovo os cabelos crespos cujas raízes estava sempre pretas” (LISPECTOR, 1977, p.82).

Trazendo isso para dentro das vísceras de Macabéa, descobrimos que “A mulherice só lhe nasceria tarde porque até no capim vagabundo há desejo de sol” (LISPECTOR, 1977, p.49). E nos dias que seu ciclo se realizava “dormia de combinação de brim com manchas bastante suspeitas de sangue pálido” (LISPECTOR, 1977, p.44). Assim, até mesmo o sangue de Macabéa é fraco, miserável de cor e de tonicidade. Embora seja recatada, a nordestina possui um corpo aberto, por deixar as marcas da intimidade à mostra. Embora “nas noites frígidas ela toda estremecente sob lençol de brim” (LISPECTOR, 1977, 60), Macabéa possuía um corpo incapaz de proporcionar ou ter prazer. Tudo para ela era pecado, assim, como lhe ensinaram desde pequena, ensinamentos que jamais ousou questionar.

Bakhtin (1998) nos afirma que o corpo grotesco é o paradigma de um corpo enfermo, doentio, inválido, mirrado. Macabéa é o emblema, o símbolo do drama coletivo que vem desde nascimento até o momento derradeiro, que é o momento da morte. Isso se aplica em em vários aspectos da vida de Macabéa: no trabalho, no relacionamento amoroso, etc. Isso porque lhe “faltava gordura e seu organismo” (LISPECTOR, 1977, p.60), energia, para poder suportar o desperdício de tempo. “A sua única vantagem sobre os outros era saber engolir pílulas sem água, assim a seco. Glória, que lhe dava aspirinas, admirava-a muito, o que dava a Macabéa um banho de calor gostoso no coração” (LISPECTOR, 1977 p.86). Assim, a moça é motivo não somente de pena, bem como de riso, visto que seu corpo doente está sempre exposto.

Vilma Arêas, no livro *Clarice Lispector com a ponta dos dedos*, defende que Macabéa é “feia, mas sem chamar atenção; não é branca, preta ou mulata, e sim “encardida”, “pardacenta”; é limitada, mas datilógrafa, nordestina, vive no Rio de Janeiro, e se acha feliz por total inconsciência da própria condição.” (ARÊAS, 2005, p.80). A personagem clareciana se equilibra entre extremos e sente que sua condição corpórea e de vida é oblíqua, “pintou a boca toda e até fora dos contornos para que os seus lábios finos tivessem aquela coisa esquisita dos lábios de Marilyn Monroe. Depois de pintada ficou olhando no espelho a figura que por sua vez a olhava espantada” (LISPECTOR, 1977, p. 85-86). Essa cena comprova que Macabea se incomodava com sua inexistência, perante os olhos das pessoas. Ela queria ter os lábios vermelhos e desejados como os de Marilyn Monroe. O batom em seus lábios pareciam ter lhe dado vida, sangue que não possuía. Ser ignorada doía e ela tentava curar essa dor tomando aspirina.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: O grotesco, atualmente vem romper com um código que valoriza o corpo feito para ser admirado. O corpo de Macabéa, personagem da obra *A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, representa o corpo que deve ser escondido, visto que é incômodo, feio, inferior. Esse corpo acaba por refletir a condição social da personagem, mulher que não atende aos “requisitos sociais” para ser desejada pelo sexo oposto. Por isso, concluímos que o corpo de Macabéa é marcadamente grotesco.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, V. **Clarice com a ponta dos dedos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**. Brasília: Ed. UnB, 1987.

KAYSER, W. **Lo Grotesco: Su Configuración em y Literatura**. Buenos Aires: Nova, 1964.

LISPECTOR, C. **A Hora da Estrela**. 1º ed. Rio de Janeiro: Record, 1977.

MOISÉS, M. **Dicionário de Termos Literários**. 12ª ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

RUSSO, M. **O grotesco feminino: riscos, excesso e modernidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

XAVIER, E. **Que corpo é esse? O corpo no imaginário Feminino**. 1ª ed. Mulheres. 2007.